

Um exemplo do século passado

ESTADO DE SÃO PAULO

Diário da Manhã

19 ABR 1987

ARMANDO MENDES

Renegociar uma dívida externa é, certamente, difícil e desgastante. Quem passou pela experiência sabe disso. Como os Estados Unidos da América, que eram o terror dos banqueiros de Londres no século passado já que apelaram para diversas moratórias e recusaram-se a impôr tributos sobre seus cidadãos para pagar suas dívidas. Em suma, eram um país "irresponsável", apesar do seu "grande potencial".

As coisas eram mais violentas naquela época. O mundo capitalista não tinha passado ainda por duas grandes guerras, com um colapso financeiro no meio. Não havia organizações internacionais, "foros de debates", nem "redes de segurança" para países ou bancos quebrados. Era cada um por si, e a "mão invisível" do mercado contra. Os negociadores americanos do século passado iam a Londres conversar com os banqueiros, como os brasileiros vão hoje a Nova York. E suportavam ataques pela imprensa que fazem as críticas atuais ao Brasil parecerem elogios.

O jornalista inglês, Anthony Sampson conta um pouco dessa história em seu livro sobre os grandes bancos internacionais, "The Money Lenders — Bankers in a Dangerous World". O livro foi editado no Brasil pela Record, com o título "Os Credores do Mundo". Mas é o subtítulo, "Banqueiros num Mundo Perigoso", que dá a idéia do clima de western nas relações dos Estados Unidos com os bancos no século passado.

"LUNÁTICOS"

"Deveria haver asilos de lunáticos para nações, não apenas para

indivíduos. E apenas o começo de um artigo de 1842 do London Morning Post, citado por Sampson. Por essa época, vários Estados americanos tinham suspenso os pagamentos de suas dívidas com os bancos londrinos (o governo federal americano era ainda relativamente fraco, e a maior parte dos empréstimos era tomada pelos próprios Estados).

A briga era pessoal, além de financeira. O representante dos interesses financeiros americanos em Londres levou "Bola preta" no Reform Club, um tradicional clube de cavalheiros, relata Sampson. O autor do artigo do London Morning Post tinha vontade de bater em cada americano que encontrasse em um jantar. "Não consigo imaginar como pode um homem sentar-se a uma mesa sem reconhecer que deve duas ou três libras para cada pessoa em volta", afirmava o indignado autor. "A América", prosseguia, "é uma nação com a qual nenhum contrato pode ser feito, porque não será cumprido, é instável nas próprias bases da vida em sociedade, homens que preferem suportar a maior infâmia, a impor o menor tributo".

A referência ao tributo precisa de explicação. Os impostos eram para os credores do século passado o mesmo que os saldos na balança comercial para os bancos de hoje em dia: o meio pelo qual eles esperavam que os devedores levantassem recursos para pagar as dívidas. Mas os governos dos Estados americanos recusavam-se a criar mais impostos, e os banqueiros londrinos, com toda a sua indignação, tiveram que agüentar alguns anos de moratória.

Não que eles esperassem sentados. O Banco Barings, segundo

Sampson, investiu modestos 15 mil dólares em uma campanha de propaganda e suborno pela retomada dos pagamentos, que deu resultados. Em 1844, o Estado da Pensilvânia, o maior devedor, aprovou uma lei que acabava com a moratória. E em Maryland, o segundo devedor, um novo governo, cuja campanha eleitoral fora convenientemente financiada pelo Barings, tomou posse em 1846, e logo criou os impostos necessários para reiniciar os pagamentos da dívida.

Pouco a pouco todos os Estados em default voltaram a pagar, e a levantar novos empréstimos. Menos um, o Mississippi, que chegou a aprovar uma emenda à constituição estadual, em 1875, repudiando definitivamente seus débitos. Pelos padrões de hoje, não era muito. Sampson afirma que, em 1929, principal e juros somados chegavam a US\$ 32 milhões. Mas os banqueiros londrinos mais ortodoxos, ainda hoje não se conformam com a situação, e continuam a cobrar os débitos do Mississippi, juntamente com os da Rússia Czarista, da China e México pré-revolucionário. Um desses banqueiros chegou a dizer, segundo Sampson, que quando morresse, encontrariam o nome "Mississippi" gravado em seu coração...

Sampson cita ainda outro banqueiro, um dos diretores atuais do Barings: "O Brasil é hoje, para nós, muito parecido com os Estados Unidos de um século atrás. Pode entrar em colapso ou pode se tornar uma das grandes potências do mundo". O que certamente ajuda a pôr em perspectiva o atual "perigo brasileiro". Este pode ser um mundo perigoso para os banqueiros, mas mesmo os mais experientes entre eles não resistem a um bom risco.

(Brasília/Ag. Estado)